

USO DA FOTOGRAFIA DIGITAL COMO FERRAMENTA NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA E.M.E.F SANTUÁRIO EM SANTA CRUZ DO SUL – RS¹

Marciele Petersen²

Cassiano Scherner³

RESUMO

Este artigo relata a experiência da utilização da fotografia digital como ferramenta na Educação Ambiental, desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santuário, no município de Santa Cruz do Sul, região do Vale do Rio Pardo, RS. O objetivo foi verificar as contribuições dos registros fotográficos como recurso metodológico de sensibilização e conscientização a respeito das questões ambientais. O projeto envolveu 22 alunos dessa escola, do ensino fundamental, em turno oposto ao das aulas. Foram realizadas quatro saídas para fotografar paisagens, imagens e situações do cotidiano do bairro, utilizando câmeras digitais. Após os registros, mais quatro encontros foram realizados, cada participante ficou responsável por selecionar dez fotografias, refletir e justificar seus registros. A ação contribuiu para a percepção e discussão crítica dos temas ambientais da realidade dos educandos envolvidos, assim como o uso da fotografia apresentou várias vantagens no ensino da educação ambiental, principalmente na formação de sujeitos atuantes, críticos e sensíveis sobre esse assunto.

ABSTRACT

This article presents the experience of using digital photograph as a tool in the Environmental Education, developed in Escola Municipal de Ensino Fundamental Santuário, in the city of Santa Cruz do Sul, in the region of Vale do Rio Pardo, RS. The aim is to verify the contributions of photographs as a methodological resource for sensitization and awareness of people about environmental issues. The project included 22 students who worked in the opposite shift of their school classes. During four meetings, they walked around the neighbourhood to take pictures and each participant was responsible for selecting 10 photos to think about and explain the registers. The action contributed to the perception and discussion of environmental issues from the students reality, as well the use of photography showed several advantages to the environmental education teaching, mainly to form active, critic and sensitive students in relation to the referred issues.

PALAVRAS – CHAVE

Fotografia digital; Educação Ambiental; Conscientização.

¹ Artigo apresentado ao Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Mídias na Educação.

² Aluna do Curso de Mídias na Educação da Universidade Federal de Santa Maria, marciele_petersen@yahoo.com.br.

³ Professor Orientador, Doutor, Faculdades Integradas de Taquara, cassianoscherner@uol.com.br.

1. INTRODUÇÃO

O meio ambiente apresenta nítidos sinais de esgotamento, com a contaminação dos recursos hídricos, a desertificação, a destruição da camada de ozônio, o aquecimento global, a escassez e falta de água. Esses são alguns exemplos dos reflexos da atividade humana sobre o meio ambiente e que já estão afetando o dia-a-dia das pessoas (CARVALHO, apud Manual de Educação para o Consumo Sustentável, 2002, p.7). Essas alterações na natureza ocorrem devido aos modelos de desenvolvimento insustentáveis, que não respeitam a natureza e levam ao desequilíbrio ambiental, comprometendo o sistema de suporte de vida.

A sociedade precisa refletir sobre os impactos das suas ações na degradação do meio ambiente e um passo importante na direção desse objetivo é avaliar as consequências reais para o meio ambiente de nosso comportamento, principalmente em relação ao consumo. Raramente paramos para pensar que certas atitudes que tomamos contribuem para o desequilíbrio ambiental.

Segundo Dias (2004, p.38) “é preciso viabilizar o desenvolvimento de sociedades sustentáveis e a educação ambiental é o principal instrumento para processar essas transformações”. A Educação Ambiental é uma das maneiras para que o homem estabeleça essa nova relação com a natureza, partindo do pressuposto de que é integrante desta, sendo responsável pelo estabelecimento de condições adequadas à manutenção de todas as formas de vida, inclusive a sua.

A finalidade do presente trabalho é relatar e verificar a relevância do uso da fotografia digital como ferramenta na educação ambiental. O projeto foi desenvolvido com um grupo de alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santuário no município de Santa Cruz do Sul – RS, através de uma abordagem metodológica qualitativa. A educação ambiental deve ser discutida na escola, sempre levando em consideração a realidade da comunidade onde está inserida.

2. EDUCAÇÃO AMBIENTAL E FOTOGRAFIA DIGITAL

2.1 Educação ambiental abordagem no mundo

A preocupação com a destruição da natureza não é recente. O que é recente é relacionar esta destruição à ação e à visão dos seres humanos (NUNES, 2005, p.15).

Desde a Antiguidade, filósofos e educadores sugeriram o uso da natureza como instrumento didático. No século XVIII, o filósofo francês Jean Jacques Rousseau dizia que a natureza era nosso primeiro mestre (SENAC, 2006). Mas é somente nos anos 40 do século XX que a questão ambiental passa a se tornar de fato, uma preocupação.

Em 1948, foi criada a União Internacional para a Proteção da Natureza (IUPN) por um grupo de cientistas vinculados às Nações Unidas. Um ano depois, foi realizada, em Nova York, a primeira Conferência Científica das Nações Unidas sobre Conservação e Utilização de Recursos que representou o primeiro grande feito no surgimento da preocupação com a ecologia mundial.

De acordo com Meller (2002), nas décadas de 50/60 o homem ampliou sua capacidade de produzir alterações no meio ambiente, os efeitos negativos se tornaram evidentes e em várias partes do mundo, acentuava-se a poluição industrial.

Em 1962, Rachel Carson publica *Primavera Silenciosa*. Esta autora faz um alerta à humanidade com relação à qualidade de vida em decadência, pelo uso excessivo de produtos químicos sintéticos e por suas conseqüências nefastas ao ambiente. Esse livro produziu grandes efeitos e inquietações em nível mundial, tornando-se um fermento para o crescimento dos movimentos ambientalistas.

Na década de 1960, segundo Araújo e Silva (2008),

Vários cientistas começaram a manifestar suas preocupações a respeito das graves conseqüências das agressões impostas ao meio ambiente. Seus estudos demonstravam que o equilíbrio ecológico dos ecossistemas naturais estava diretamente associado à qualidade de vida das sociedades humanas. (ARAÚJO; SILVA, 2008, p.96)

Em 1968, surge O Clube de Roma. Foi fundado naquele ano por um grupo de economistas e cientistas que advertiam a humanidade sobre o ritmo do “crescimento”, que poderia levar a um limiar que, se ultrapassado, poria em risco a sobrevivência da espécie (SENAC, 2006). Quatro anos mais tarde, este grupo publicou o seu antológico relatório, *The Limits of Growth* (Os Limites do Crescimento). Esse documento condenava a busca incessante do crescimento da economia a qualquer custo e propunha modificações nos modelos de desenvolvimento.

No entanto, as discussões sobre a Educação Ambiental só tiveram início em 1972, quando a ONU (Organização das Nações Unidas) convocou a I Conferência das

Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano, em Estocolmo, na Suécia. Nessa oportunidade, reuniram-se representantes de 113 países, para discutir a necessidade de estabelecer uma visão global e princípios comuns que servissem de inspiração e orientação à humanidade para preservação e melhoria do ambiente humano.

Já em 1975, a UNESCO (Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura) e o PNUMA (Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente) promove o I Encontro Internacional de Belgrado, reunindo profissionais ligados à Educação Ambiental. A reunião originou a Carta de Belgrado, que parte do pressuposto de que o desenvolvimento da Educação Ambiental é um dos elementos vitais para o questionamento da crise ambiental.

Conforme Mininni (1994), a Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental, realizada em Tbilisi (antiga União Soviética) no ano de 1977, constitui, até hoje, o ponto culminante do Programa Internacional de Educação Ambiental. Nessa conferência, foram definidos os objetivos e as estratégias pertinentes em nível nacional e internacional.

De acordo com Gadotti (2009, p.80) Tbilisi consagrou a expressão “educação ambiental”, numa visão mais ampliada que temos até hoje. “Tbilisi tornou-se um divisor de águas na questão da educação ambiental”.

Araújo e Silva (2008, p.98) considera que a partir de Tbilisi “a Educação Ambiental passa a ser concebida dentro de um novo ângulo, como um projeto transformador, crítico e político.”

Em novembro de 1979, realizou-se na Costa Rica, o Seminário de Educação Ambiental. Meller (2002, p.11) aponta que “uma das orientações que mais chamou atenção desse evento foi o conceito de meio ambiente, que assume uma dimensão mais abrangente, incorporando aspectos sociais, culturais e econômicos aos aspectos físicos e biológicos”.

A década de 80 é especificamente importante para o movimento ecológico, pois deflagra a preocupação de setores do sistema econômico nas questões ecológicas (SENAC, 2006).

De acordo com Araújo e Silva (2008), o Relatório Brundtland, produzido em 1987, relacionou sustentabilidade com a ideia de que compartilhamos um futuro comum e define Desenvolvimento Sustentável como sendo aquele que “atende as necessidades da geração atual sem comprometer a capacidade de as gerações futuras terem as suas próprias necessidades atendidas”. (ARAÚJO; SILVA, 2008, p.100)

Daí por diante muitos encontros, congressos e conferências ocorreram no mundo, mas o Brasil teve participação fundamental em vários momentos nessa busca por soluções dos problemas ambientais.

2.2 Educação ambiental no Brasil

Depois da revolução industrial, no final do século XVIII, e especialmente durante o século XX, os impactos das atividades humanas no meio tornaram-se muito significativos. E assim como no mundo todo, o Brasil começou a procurar soluções para diminuir os impactos das atividades humanas no meio ambiente, através de mudanças nas leis, conferências, seminários, projetos, criação de fundações, ONGs, secretarias, ministérios entre outras alternativas, para solucionar esse grande desafio.

Em 1972, a Delegação Brasileira na Conferência de Estocolmo declara que o país está “aberto à poluição, porque o que se precisa é de dólares, desenvolvimento e empregos”. Apesar disso, contraditoriamente, o Brasil lidera os países do Terceiro Mundo para não aceitar a Teoria do Crescimento Zero proposto pelo Clube de Roma. (Sem autor, 1998, p.12).

Já em 1973, a legislação brasileira, no Decreto nº 73.030 criou a Secretaria Especial do Meio Ambiente explicitando, entre suas atribuições, a promoção do “esclarecimento e educação do povo brasileiro para o uso adequado dos recursos naturais, tendo em vista a conservação do meio ambiente”.

Schwinn (2011, p.24) cita que a Constituição de 1988, do Brasil, menciona como responsabilidade do poder público: promover a educação ambiental em todos os níveis de ensino e a conscientização pública para a preservação do meio ambiente.

Nesse cenário de emergência e expansão do debate ecológico, nos mais diversos setores que aconteceu, em 1992, promovida pela ONU, a Conferência Internacional de Meio Ambiente e Desenvolvimento ou Rio-92.

A Agenda 21, principal documento aprovado durante a Rio-92, é um programa de ação, com 40 capítulos, que tentam promover, em escala planetária, um novo padrão de desenvolvimento, conciliando métodos de proteção ambiental, justiça social e eficiência econômica.

Outros documentos internacionais orientam as ações da educação ambiental, como o Manifesto pela Vida e a Carta da Terra, que constituem a base de princípios para os processos da Agenda 21.

“Em 1997, o Rio Janeiro, novamente, acolheu um evento internacional de grande importância na área ambiental, a Rio+5, o objetivo principal era avaliar o cumprimento dos acordos criados pela Rio-92” (MELLER, 2002 p.14).

Outro avanço que ocorreu no Brasil, em 1999 foi a criação da Lei 9.795 que institui a Política Nacional de Educação Ambiental.

A definição da educação ambiental é dada no artigo 1º da Lei nº 9.795/99 como:

“os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade” (Constituição Brasileira, Capítulo I, Artigo 1º, 1999).

A cartilha da UNESCO, “Vamos cuidar do Brasil” (2007) destaca:

Finalmente, as Nações Unidas e a UNESCO tiveram a iniciativa de implementar a Década da Educação para o Desenvolvimento Sustentável (2005-2014), cuja instituição representa um marco para a educação ambiental, pois reconhece seu papel no enfrentamento da problemática socioambiental à medida que reforça mundialmente a sustentabilidade a partir da Educação (BRASIL, 2007 p.20).

Apesar dos avanços legais e teóricos que ocorreram na área ambiental nas últimas décadas, a prática da Educação Ambiental ainda é muito incipiente.

Esse processo educativo tem sido lento, mas Nunes (2005, p.22) destaca que tal “pode contribuir para que ocorram modificações profundas no comportamento humano, que estão ligadas aos valores, aos comportamentos, às atitudes e à própria ética”.

Atualmente, a educação Ambiental vem sendo implementada de duas maneiras a informal e a formal. Conforme Shwinn (2011, p.24) a informal é “junto a associações comunitárias, empresários, funcionários e com o público em geral, por meio de palestras, cursos, campanhas ecológicas em jornais, revistas, rádios e televisão”.

Por outro lado a formal é:

No âmbito dos currículos das escolas e não deve ser implantada como uma disciplina. Trata-se de um conteúdo de vida cidadã, devendo ser abordado como tema transversal e ser aplicada tanto às modalidades existentes (como educação de jovens e adultos, educação à distância e tecnologias educacionais, educação especial, educação escolar indígena) quanto àquelas que vierem a ser criadas ou reconhecidas pelas leis educacionais (como a educação escolar quilombola), englobando também a educação no campo e outras, para garantir a diferentes grupos e faixas etárias o desenvolvimento da cultura e cidadania ambiental. (SHWINN, 2011, p.24)

Já para Coelho e Lucchese (2003, p.94) “a educação ambiental vem para instruir o homem sobre as consequências de suas ações sobre o ambiente, devendo abranger aspectos naturais, técnicos, históricos e sociais, só assim encaminharemos para a melhoria na qualidade de vida”.

O tema principal sobre o meio ambiente já perpassou pela preservação, conservação e biodiversidade afirma Gadotti (2009) e complementa que

Esses temas não ficaram no passado, mas agora, frente ao aquecimento global e á crise climática, o tema central da educação ambiental passa a ser o estilo de vida das pessoas: se não mudarmos nosso modo de produzir e reproduzir nossa existência, estaremos pondo em perigo toda a vida do planeta. (GADOTTI, 2009, p.81)

Segundo Schwinn (2011), é necessário primeiro que os alunos compreendam que a Educação Ambiental não é somente garantir a preservação de espécies animais, vegetais e de recursos naturais e complementa que

O componente reflexivo da Educação Ambiental é tão importante quanto o ativo ou comportamental. Assim, a Educação Ambiental deve ser entendida como educação política, no sentido que reivindica e prepara os cidadãos, para exigir justiça social, cidadania, autogestão e ética nas relações sociais e com a natureza. (SCHWINN, 2011 p.23).

Por isso, é imprescindível a abordagem da Educação Ambiental nas escolas, de preferência de maneira interdisciplinar criando nas pessoas consciência e

responsabilidade pelos seus atos em relação ao meio ambiente. Dias (2004, p.20) aponta que a minimização dos problemas ambientais “tem de começar num nível individual”.

2.3 A Fotografia e seu uso na Educação

Vivemos em um momento de grandes transformações na educação, principalmente no que diz respeito à entrada das tecnologias nas escolas, isso altera a função do professor e sua maneira de ensinar.

O primeiro passo para qualquer grande transformação, conforme Blikstein (apud MELLO; TRAJBER, 2007, p. 156), é mudar o que as pessoas pensam e, felizmente, isso está acontecendo com a educação. Muita gente já sabe como deve ser, mas ninguém sabe como transformar essa visão em realidade. O mesmo autor também afirma que:

A tecnologia pode ser uma poderosa arma para transformar em realidade a nossa utopia de uma escola mais democrática, motivadora e interessante. A tecnologia digital, atualmente, tem entrada livre na escola e pode levar idéias inovadoras na bagagem.

A educação ambiental é, aliás, um excelente campo para tentar novas abordagens de ensino e aprendizagem. Em primeiro lugar, ela é um tema que motiva os alunos – ela está nos jornais, na televisão, na vida de todos nós. Em segundo lugar, é uma área em que, efetivamente, é possível fazer diferença no mundo – mesmo em pequena escala, as ações têm resultados relevantes na vida da comunidade. Além disso, educação ambiental envolve atividades fora dos muros da escola: coleta de dados, observações e entrevistas. (BLIKSTEIN, apud, MELLO; TRAJBER, 2007, p.157).

Morais (2009) destaca que os alunos dos novos tempos, mergulhados na cibercultura, demandam da escola um novo espaço de aprendizagem, semelhante àquele proporcionado pelas novas tecnologias: onde possam interferir, modificar, produzir, partilhar, numa atitude cada vez menos passiva perante a mensagem. E completa “frente a isso, a educação não deve nem pode desprezar esse dado de realidade, nem agir como se a tecnologia não fizesse parte da vida dos alunos” (MORAIS, 2009 p.97).

Gadotti (2009) aponta um aspecto importante sobre a aprendizagem utilizando as tecnologias:

Na era da informação, diante da velocidade com que o conhecimento é produzido e envelhece, não adianta acumular informações, é preciso saber pensar. Daí a necessidade de recolocarmos o tema do saber aprender, do saber conhecer, das metodologias. Educar para não ser omissos, indiferentes e

nem conivente com a destruição da vida em qualquer parte do planeta terra. (GADOTTI, 2009, p.74)

A tecnologia educacional é uma área que estuda a aplicação da tecnologia na educação a partir de um embasamento que é proporcionado pela didática, pela psicologia da aprendizagem e pelo próprio desenvolvimento tecnológico (ARAÚJO; SILVA, 2008, p.212).

De acordo com Monteiro (s/d), vivemos na era da internet, que proporcionam um infinito conglomerado de trocas informativas. Nesse amplo ambiente virtual, a fotografia reina soberana. O mundo visual, ou o planeta da fotografia, não somente a utiliza, como depende cada vez mais do seu conteúdo e forma para atingir objetivos e metas, sejam eles quais forem.

A educação ambiental encontra-se na privilegiada situação de poder reinventar-se frente às novas tecnologias (BLIKSTEIN, apud, MELLO; TRAJBER, 2007, p.158).

Desde seu surgimento e ao longo de sua trajetória, até nossos dias, a fotografia tem sido aceita e utilizada como prova definitiva, “testemunho da verdade” do fato ou dos fatos, como nos lembra Kossoy (1999, p.19).

Um meio de expressão, a fotografia pode ser usada de variadas formas e o maior diferencial dela, quando comparada a outras formas de construção de imagens, é o fato de ela ser realista por natureza (VERNAGLIA, 2007).

Segundo Monteiro (s/d) fotografar é um modo de questionar uma imagem. Auxilia tanto nas descrições do cidadão comum, quanto dos cientistas e pesquisadores. Ajuda nas descobertas científico-tecnológicas e se complementa em diversas formas de expressões artísticas.

Já para Justo (2003), a fotografia tem potencialidade como ferramenta educativa para exercitar um olhar mais atento para aquilo que nos rodeia, principalmente em relação à gravidade da questão ambiental.

A fotografia é, em síntese, uma linguagem universal, sem tradução específica, constituída por uma leitura livre, sem normas e formalismos (MONTEIRO, s/d).

De acordo com Alves (2008) fotografias não são verdades absolutas, elas são apenas visões parciais de um sujeito que seleciona e recorta referenciado em suas vivências pessoais. É completa:

Fotos têm o valor intrínseco de favorecer o reconhecimento da realidade e ampliar a consciência humana para os problemas que existem no mundo por nós partilhado. Acreditamos que revelar e revelar-se são um exercício coletivo sempre transformador e construtivo, especular mesmo. Precisamos dos outros, dos seus olhares para enxergar, para perceber, para constatar. As imagens e a linguagem fotográfica são poderosos instrumentos para estimular e aprimorar a percepção dos sujeitos. (ALVES, 2008, p.9).

O ato fotográfico desponta como mais um caminho de problematização da vida, que nos permite, através da mediação técnica da câmara fotográfica, registrar, decifrar, ressignificar e recriar o mundo e a nós mesmos (LOPES, 2006).

Kossoy (1999, p. 21) reforça que quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar.

Soulanges (2010, p.14) escreve que toda foto é “vestígio enigmático que faz sonhar e que constitui problema, que fascina e que inquieta”.

Atualmente com a popularização das câmeras fotográficas digitais e celulares com câmeras com resolução melhores, trabalhar com fotografias ficou bem mais viável, visto que grande parte dos alunos tem acesso a essa tecnologia. A fotografia digital pode ser utilizada como recurso didático no processo de ensino aprendizagem tanto em sala de aula como em atividades extraclasse despertando maior interesse dos alunos pelas disciplinas, visto que todas as tecnologias geram curiosidade e maior participação nas atividades.

3. METODOLOGIA E RESULTADOS

O projeto foi desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santuário, Bairro Santuário, no município de Santa Cruz do Sul, Vale do Rio Pardo – RS. Na escola são aproximadamente 369 alunos nos dois turnos (manhã e tarde), 28 professores e 12 funcionários. Todos os alunos da escola de 6º ano à 8ª série foram convidados a se inscrever para o projeto. Contudo, dos 136 alunos, apenas 22 se interessaram e participaram provavelmente pelo projeto ter sido desenvolvido em turno

oposto ao das aulas (tarde) e porque os alunos desse educandário não tem o hábito de participar de projetos.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa cuja finalidade é analisar a relevância do uso da fotografia na educação ambiental, visando construir através das imagens uma visão mais crítica do bairro onde os participantes do projeto moram. Discutir valores, hábitos e atitudes relacionadas com o meio ambiente utilizando a interpretação das fotografias.

Foram realizadas quatro saídas de campo pelo bairro, onde a escola está inserida, para fotografar. Envolvendo os 22 alunos, com idades entre 11 e 14 anos, em turno oposto ao da aula (tarde), em horários alternados. As datas utilizadas para o registro fotográfico foram: 12/07/2011, 19/07/2011, 09/08/2011 e 16/08/2011. Os alunos participantes se organizaram em grupos aleatoriamente. Cada dia um grupo saiu para fotografar e o trajeto realizado foi decidido pelo grupo, sempre com trajetos diferentes.

Os alunos foram instruídos a fotografar paisagens, imagens e situações que lhe chamassem atenção, presentes no cotidiano do bairro. Cada aluno ficou responsável pela sua câmera fotográfica e não foi estipulado número máximo ou mínimo de fotografias. Para os alunos que não possuíam câmeras, foi emprestada a câmera da escola, do professor responsável e da orientadora da escola.

Durante as caminhadas pelo Bairro Santuário os alunos refletiram sobre a conservação das ruas e calçadas. Perceberam lixo espalhado e acumulado nos bueiros, muitas vezes próximo de suas residências. Também verificaram o tipo de lixo nas proximidades da escola, provavelmente deixado pelos próprios alunos, como papéis de balas, chicletes, embalagens de salgadinhos, sucos, entre outros. Nesses momentos foi possível observar as consequências das ações sobre o meio ambiente e discutir os conhecimentos estudados nas aulas de ciências como, por exemplo, as questões relacionadas à poluição, tipos de lixo, tempo de decomposição de materiais, causas de enchentes e proliferação de insetos, entre outros.

Depois dos registros fotográficos os alunos olharam as fotos e escolheram suas dez preferidas (APÊNDICE, Figura 1 e Figura 2). Mais quatro encontros foram realizados para discutir as fotografias e justificar os motivos por terem registrado e escolhido aquelas imagens.

A maioria das fotografias selecionadas é de imagens de flores, paisagens que valorizam o bairro e ainda, lixo, bueiros entupidos e desleixo com o meio ambiente. A maioria dos participantes relatou que escolheu algumas fotos de lixo para conscientizar as pessoas sobre a situação do bairro e as de flores ou paisagens para valorizar o bairro onde moram e a escola está localizada.

O projeto visou estimular a percepção através da sensibilização, conscientização e de construção de conhecimento a partir da realidade local.

O ato de fotografar permitiu aos alunos se sensibilizarem quanto às belezas do bairro. Jardins floridos, pequenas flores, pássaros, árvores, insetos também foram fotografados e os alunos compreenderam a importância de analisar os detalhes da natureza que nem sempre valorizamos no nosso cotidiano. As imagens se revelaram ótimos instrumentos para estimular a percepção dos sujeitos. Um dos participantes fez o seguinte comentário: “Muitas vezes a gente passa com pressa e nem olha para os lados e quando a gente tirou as fotos nós vimos que existe muito lixo no bairro, mas em alguns detalhes ele é lindo”.

A fotografia mudou a percepção que os alunos participantes tinham do bairro, permitiu ver o mundo através de perspectivas diferentes tanto em relação às belezas quanto dos problemas, principalmente relacionados ao lixo. Além disso, despertou o respeito e a valorização do ambiente, descobrindo que é parte integrante dele.

Os próximos passos serão expor as fotos para a comunidade durante a Mostra de Trabalhos Científicos da escola que se realizará dia 1º de outubro de 2011, publicarmos as fotografias escolhidas pelos alunos no blog da escola (<http://emefsantuarioscs.blogspot.com>) e participar de uma reportagem no jornal da cidade, Gazeta do Sul, no espaço reservado para escolas, chamado Mix na Escola.

Além da função de conscientização e sensibilização, este trabalho é importante no aumento da auto-estima dos alunos participantes, pois foi visível observar o orgulho deles com o resultado das fotografias reveladas que foram expostas na Mostra de Trabalhos.

A ideia de utilizar a fotografia como ferramenta na educação não se esgota e as possibilidades são inúmeras. Assim como a importância da educação ambiental tanto formal quanto a informal.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A humanidade sempre agiu sobre o ambiente terrestre, mas nas últimas décadas essas ações foram intensificadas e as alterações são tão graves que se percebeu que a própria sobrevivência da espécie está em risco.

Compreendemos que a educação ambiental é fundamental para modificar o estilo de vida das pessoas e melhorar sua qualidade e que as mídias devem ser usadas como aliadas nesse processo. A escola e os profissionais da educação precisam perder o medo e inserir as mídias nas práticas escolares como um atrativo a mais nas aulas. O uso da fotografia é uma proposta a ser utilizada na educação e pelo desenvolvimento deste projeto, com um grupo de alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santuário, Santa Cruz do Sul – RS, mostrou-se eficaz.

O projeto aliando fotografia e educação ambiental permitiu ao grupo de educandos ver o mundo através de diferentes perspectivas, perceber detalhes do ambiente, analisar e refletir a situação do bairro e também das suas atitudes. A partir de conversas com os alunos quanto às questões ambientais ficou claro a formação de uma visão mais crítica sobre os problemas do bairro.

Essa foi apenas a primeira etapa do trabalho, diagnosticar com o auxílio das fotografias pontos positivos e pontos negativos do Bairro Santuário, pretende-se no próximo ano, dar continuidade ao projeto utilizando as fotografias na conscientização da população, usar as imagens em campanhas para incentivar a limpeza do bairro e na educação dos alunos da E.M.E.F Santuário. Além de valorizar os pontos positivos, como a arborização, as belezas naturais, espécies de animais que vivem na localidade e jardins bem cuidados.

A fotografia não é considerada apenas um registro visual, é também vista como registro científico podendo ser utilizada nas aulas de ciências, principalmente com abordagem nas áreas ambientais e ecológica. Podendo ser usada ainda na identificação, catalogação e classificação de grupos animais, de plantas e de outros seres vivos.

O grande desafio está em criarmos novas metodologias, recursos pedagógicos, formas, estratégias, maneiras de intervenção para formar sujeitos atuantes, críticos e sensíveis em relação aos problemas ambientais. Nesse sentido, a fotografia

correspondeu aos objetivos propostos como ferramenta inovadora na educação ambiental, podendo também ser utilizada em outras disciplinas.

O projeto não visa esgotar a questão, mas sim incentivar práticas de conscientização e ensino utilizando a fotografia digital como método criativo, valorizando a utilização da imagem no processo da aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jefferson Fernandes (Coord.) **Fotografia e Educação: Alguns Olhares do Saber e do Fazer**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

ARAÚJO, Daniel; SILVA, Clorildes Lessa da (Org.). **Educação Ambiental: competências para o atuar docente**. Porto Alegre: SENACEAD, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação Geral de Educação Ambiental. Ministério do Meio Ambiente. Diretoria de Educação Ambiental. Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA. 3.ed. Brasília: MEC/MMA, 2005.102 p.

BRASIL. Constituição Brasileira. **Capítulo I da Educação Ambiental**. Disponível Em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9795.htm>. Acesso em: 14 ago. 2011.

CARSON, Rachel. **Primavera Silenciosa**. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

COELHO, C. Geraldo; LUCCHESI, A. Osório (Org.). **Reflorestamento Ambiental e Recuperação Ambiental**. Biodiversidade e culturas: a gestão ambiental em foco. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

CONSUMO sustentável: manual de educação. Brasília: Consumers International/MMA/IDEC, 2002. 144p.

DIAS, Genebaldo Freire. **Educação Ambiental: princípios e práticas**. 9. ed. São Paulo: Gaia, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Educar para a sustentabilidade:** uma contribuição à década da educação para o desenvolvimento sustentável. São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, 2009.

JUSTO, Carmen Sílva Sanches. **Os meninos fotógrafos e os educadores:** viver na rua e no Projeto Casa. São Paulo: Unesp, 2003.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica.** São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

LOPES, Ana Elisabete. Ato fotográfico e processos de inclusão: análise dos resultados de uma pesquisa-intervenção. In: LENZI, Lucia Helena Correa; DA ROS, Silvia Zanatta; Souza, Ana Maria Alves de; GONÇALVES, Marise Matos. **Imagem:** intervenção e pesquisa. (orgs.). Florianópolis: Editora da UFSC: NUP, CED, UFSC, 2006.

MELLER, Cleria Bitencorte. **Compensação Florestal:** eixo articulador de ações em educação ambiental. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 2002.

MELLO, Soraia Silva de; TRAJBER Rachel (Org.). **Vamos cuidar do Brasil:** conceitos e práticas em educação ambiental na escola. Ministério da Educação, Coordenação Geral de Educação Ambiental: Ministério do Meio Ambiente, Departamento de Educação Ambiental. Brasília: UNESCO, 2007.

MININNI, N.M. 1994. **Elementos para a introdução da dimensão ambiental na educação escolar – 1º grau.** Amazônia: uma proposta interdisciplinar de educação ambiental. Brasília, IBAMA.

MONTEIRO, Mario Bittencourt (coord.). **A FOTOGRAFIA NA ESCOLA: FOTOGRAFIA COMO ELEMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO NO ENSINO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL.** (s/d) Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fotografia/port/03_pesquisa/escola.htm>. Acesso em: 10 mar. 2011.

MONTEIRO, Mario Bittencourt. **PROJETO BIOS:** a Fotografia como elemento de Percepção, Visão e Interferência nas questões Ambientais. (s/d) Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fotografia/port/03_pesquisa/escola.htm>. Acesso em: 10 mar. 2011.

MORAIS, Marta Bouissou; ANDRADE, Maria H. de Paiva. **Ciências - ensinar e aprender.** Belo Horizonte: Dimensão, 2009. 128p.

SENAC. E – Book. Curso de Especialização em Educação Ambiental. Blocos Temáticos 1; 2; 3; 4 e 5. 2006.

SCHWINN, Marilene Sant'ana. Educação Ambiental é tema desenvolvido de forma interdisciplinar. **Revista do Professor**. Ano 27. Nº 106. Porto Alegre, 2011.

SOULAGES, François. **Estética da fotografia: perda e permanência**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

VERNAGLIA JUNIOR, Armando. **A importância da Fotografia**. 2007. Disponível em: <<http://www.brunosilva.fot.br/blog/2007/06/19/a-importancia-da-fotografia>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

APÊNDICE

Figura 1. Algumas imagens escolhidas para valorizar as belezas do bairro.



Figura 2. Algumas imagens escolhidas para conscientizar sobre os problemas do bairro.

